



Professora: Luciane Ribas de Andrade.

Área: Linguagens – 1h/a semanal

Disciplina: Literatura Brasileira

ETAPA 9 - Turma:90

Atividade 9, referente ao período de suspensão das aulas presenciais devido ao Covid - 19.

Nome do(a) aluno(a):

Turma:DATA:15/08/2020 a 31/08/2020.

PESSOAL, o texto que segue é de Aluísio Azevedo. “**O Cortiço**” é o grande representante do **Naturalismo brasileiro**. Mais do que produzir um **romance experimental** no Brasil, ele deu a esse gênero ambientação adequada, bem como ao descrever os tipos diversificados que havia por aqui, sob a ótica do **cientificismo**. Negros, mestiços – conhecidos na época como “mulatos” – portugueses recém-chegados ou já enraizados foram matéria de sua observação, semelhante à Émile Zola(exemplificado no livro da **EJA** – pág.264-269 - Se possível, leia os fragmentos da obra.). O **Naturalismo** teve sua estreia no Brasil, no ano de **1881**, com a obra “**O Mulato**”, também de Aluísio Azevedo; porém seu romance de maior repercussão foi “**O Cortiço**”. Leia os trechos que seguem e faça os exercícios. Esse material está no nosso livro da **EJA** – páginas (270 – 273).

TRECHO 1

[...] Não obstante, as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidéz em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação.

O Miranda rebentava de raiva.

- Um cortiço! exclamava ele, possesso. Um cortiço! Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço debaixo das janelas!... Estragou-me a casa, o malvado! E vomitava pragas, jurando que havia de vingar-se, e protestando aos berros contra o pó que lhe invadia em ondas as salas, e contra o infernal baralho dos pedreiros e carpinteiros que levavam a martelar de sol a sol. O que aliás não impediu que as casinhas continuassem a surgir, uma após outra, e fossem logo se enchendo, a estenderem-se unidas por ali a fora, desde a venda até quase ao morro, e depois dobrassem para o lado do Miranda e avançassem sobre o quintal deste, que parecia ameaçado por aquela serpente de pedra e cal. O Miranda mandou logo levantar o muro. Nada! aquele demônio era capaz de invadir-lhe a casa até a sala de visitas! E os quartos do cortiço pararam enfim de encontro ao muro do negociante, formando com a continuação da casa deste um grande quadrilongo, espécie de pátio de quartel, onde podia formar um batalhão.

Noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem.

Prontas, João Romão mandou levantar na frente, nas vinte braças que separavam a venda do sobrado do Miranda, um grosso muro de dez palmos de altura, coroado de cacos de vidro e fundos de garrafa, e com um grande portão no centro, onde se dependurou uma lanterna de vidraças vermelhas, por cima de uma tabuleta amarela, em que se lia o seguinte, escrito a tinta encarnada e sem ortografia:

“Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e tinas para lavadeiras”. As casinhas eram alugadas por mês e as tinas por dia; tudo pago adiantado. O preço de cada tina, metendo a água, quinhentos réis; sabão à parte. As moradoras do cortiço tinham preferência e não pagavam nada para lavar. Graças à abundância da água que lá havia, como em nenhuma outra parte, e graças ao muito espaço de que se dispunha no cortiço para estender a roupa, a concorrência às tinas não se fez esperar; acudiram lavadeiras de todos os pontos da cidade, entre elas algumas vindas de bem longe. E, mal vagava uma das casinhas, ou um quarto, um canto onde coubesse um colchão, surgia uma nuvem de pretendentes a disputá-los.

E aquilo se foi constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o revérbero das claras barracas de algodão cru, armadas sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco.

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.

TRECHO 2

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um farto acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas. Entretanto, das portas surgiam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. No confuso rumor que se formava, destacavam-se risos, sons de vozes que altercavam, sem se saber onde, grasnar de marrecos, cantar de galos, cacarejar de galinhas. De alguns quartos saíam mulheres que vinham pendurar cá fora, na parede, a gaiola do papagaio, e os louros, à semelhança dos donos, cumprimentavam-se ruidosamente, espanejando-se à luz nova do dia.

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e resingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

1) Leia o box a seguir e indique, no **TRECHO 1**, o parágrafo em que a ideia da **Geração Espontânea** de Aristóteles é expressa.

Geração espontânea

Influenciado pela teoria platônica da existência de um mundo das imagens, Aristóteles afirmava que as espécies surgiam por **geração espontânea**, ou seja, existiam diversas fórmulas que dariam origem às diferentes espécies. Para eles, os organismos poderiam se originar a partir de uma **massa inerte** segundo um **princípio ativo**. Por exemplo, nascer um rato da combinação de uma camisa suja a de um pouco de milho.

A crença nessa ideia permaneceu por longo tempo na civilização ocidental, principalmente devido ao apoio da Igreja.

O problema da origem, na realidade, não era assunto que preocupava a comunidade científica até o início do século XIX, pois todos acreditavam que era possível obter seres vivos a partir de matéria inanimada, ou seja, pela geração espontânea. Muitos filósofos, pensadores, cientistas e mesmo qualquer pessoa culta aceitavam a existência de duas maneiras de gerar um ser vivo: através de seus semelhantes (pais) e por geração espontânea. Essa ampla aceitação da geração espontânea pode parecer estranha para nós, homens, dos séculos XX e XXI, no entanto, eminentes pensadores tais como Thales, Platão, Epicuro, Demócrito, São Tomás de Aquino, Paracelso, Goethe, Copérnico, Galileu, Harvey, Francis Bacon, Descartes, par citar somente alguns, não tiveram nenhum problema de ordem filosófica ou científica em aceitar a Geração Espontânea de seres vivos.

Até meados do século XIX, a comunidade científica estava dividida nesta questão. Este dilema só foi resolvido com os clássicos experimentos realizados por Louis Pasteur e John Tyndall, sendo que este último demonstrou que algumas bactérias eram resistentes ao calor e poderiam, depois de algum tempo, voltar a se reproduzir, permitindo, assim, explicar algumas observações que, à primeira vista, pareciam corroborar a teoria da geração espontânea. Portanto, a partir desses experimentos a teoria da Geração Espontânea foi totalmente abandonada pelos cientistas. [...]

ZAIA, Dimas A.M. **A Teoria da Geração Espontânea**. Química Nova

Responda as questões propostas a seguir.

a) No parágrafo citado em sua resposta à questão anterior, os seres humanos que se multiplicavam foram comparados a quê?

b) Transcreva do **TRECHO 2** de **“O Cortiço”** uma passagem em que se observa a tendência da literatura naturalista de enfatizar a animalidade dos seres humanos.

c) No **TRECHO 2**, Aluísio Azevedo explora bastante a sensorialidade, ou seja, destaca cheiros e cores em sua descrição. Identifique duas passagens que demonstrem isso e responda: que efeitos essa exploração traz à narrativa.

d) Retire do texto uma ONOMATOPEIA – explique sua representação.

e) Procure no dicionário → Zoomorfização . → f) Retire do **TRECHO 2** um fragmento que exemplifique a PROSOPOPEIA.